

Dalila Teles Veras

retratos
falhados


escrituras


caleção
Ponte Velha



Dalila (Isabel Agrela) Teles Veras, natural do Funchal, Ilha da Madeira, Portugal, (1946), Vive no Brasil desde 1957.

Autora de diversos livros, nos gêneros poesia, crônica e "Minudências", um diário literário do ano de 1999. Colabora regularmente (crônicas, ensaios e textos literários) em jornais e revistas do Brasil e exterior.

É filiada à União Brasileira de Escritores, SP, entidade em que ocupou os cargos de secretária geral, diretora e membro do Conselho, nas gestões de 1986/88, 1990/92 e 1994/96.

Vice-Presidente do Instituto de Estudos Fernando Pessoa, em São Paulo.

Co-fundadora do Grupo Livrespaço de Poesia (1983-1994) de intensa atuação na divulgação da poesia e co-editora da revista literária Livrespaço, ganhadora do Prêmio APCA - Associação

Paulista de Críticos de Arte, como melhor realização cultural de 1993. Animadora cultural, há décadas colabora na organização de cursos, seminários e congressos. É frequentemente convidada a proferir palestras e participar de debates em faculdades e instituições culturais, bem como a assessorar e criar projetos literários, como ciclos de debates, exposições e mesas redondas. Desde 1992, é diretora-proprietária da Alpharrabio Livraria e Editora, em Santo André, SP, referência cultural na região do Grande ABC, onde promove constante atividade voltada para a difusão da cultura, das artes e do debate de idéias. Dirige igualmente a Alpharrabio Edições, cujo catálogo já se aproxima de uma centena de títulos. Foi aditora da revista de debates "Em Movimento" e do jornal literário "Abecês", ambos ligados à Alpharrabio e desde agosto de 2006, assina o blog <http://blog.alpharrabio.com.br/>, "um caderno de registros, apropriações, inquietudes, intervenções" que reflete a "atmosfera" cultural do Centro Cultural Alpharrabio e seu entorno. Em 2000, foi agraciada pela revista "Livre Mercado" com o Prêmio Desempenho de Empreendedora Cultural. Em 2004, a Câmara Municipal de Santo André outorgou-lhe o título de Cidadã Honorária.

ISBN 978-85-7531-307-7



9 788575 313077



Esta é uma ponte levadiça
que atravessa o sonho de
Brasil e Portugal, países
irmãos, dentro de um outro
sonho acalentado pelos
coordenadores desta
coleção que, por meio
da Escrituras, se consolida.



Para o Soares Feitosa,
estes "retratos"
com o abraço e cumprimento
na poesia

D. Silva

retratos
falhados

Copyright do texto © 2008 Dalila Isabel Agrela Teles Veras
Copyright das ilustrações © 2008 Constança Maria Lima de Almeida Lucas
Copyright da edição © 2008 Escrituras Editora

Todos os direitos desta edição cedidos

Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda.

Rua Maestro Callia, 123 – Vila Mariana – 04012-100 São Paulo, SP

Telefax: (11) 5082-4190 – <http://www.escrituras.com.br>

e-mail: escrituras@escrituras.com.br

Criadores da Coleção Ponte Velha

Antônio Osório (Portugal) e Carlos Nejar (Brasil)

Organização da Coleção & entrevista Floriano Martins

Editor Raimundo Gadelha

Coordenação editorial e gráfica Fernando Borsetti

Capa Paula Casarini

Projeto gráfico e Diagramação Renan Glaser

Desenhos da capa & miolo Constança Lucas

Revisão do texto Renata Assumpção

Impressão Bartira Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Veras, Dalila Teles
Retratos falhados / Dalila Teles Veras ;
organização Floriano Martins ; artista
convidada Constança Lucas. -- São Paulo :
Escrituras Editora, 2008.

ISBN 978-85-7531-307-7

I. Poesia portuguesa I. Martins, Floriano.
II. Lucas, Constança. III. Título.

08-09470

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:
I. Poesia : Literatura portuguesa 869.1

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Dalila Teles Veras

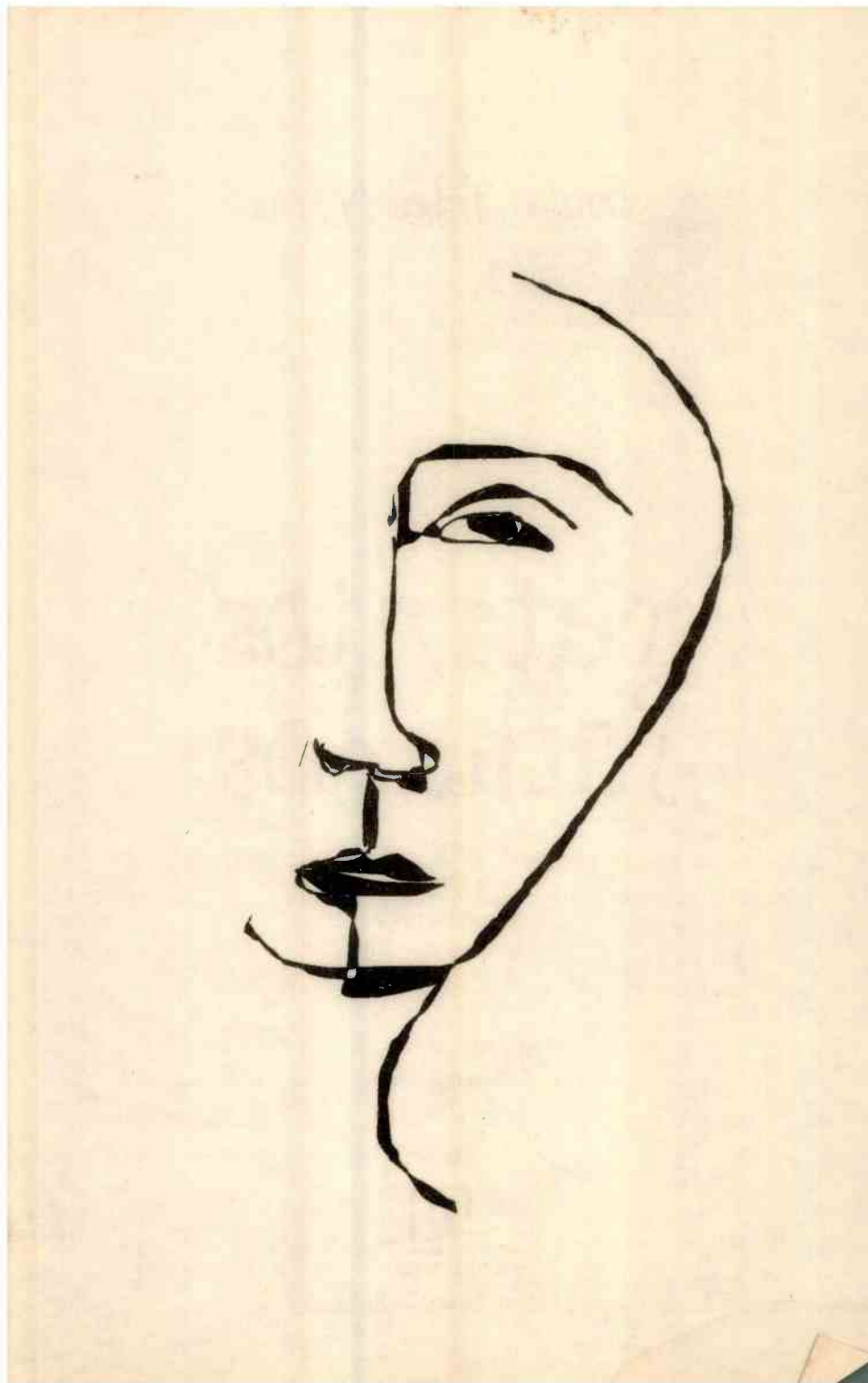
retratos falhados

Entrevista por
Florianio Martins

Artista convidada
Constança Lucas



São Paulo, 2008



Sumário

Dalila Teles Veras: ao calor das descobertas. Diálogo com Floriano Martins	9
retratos falhados	15
urbanos	
becos	17
pontes	18
calçadas	19
trilhos	20
cinemas	21
cafés	22
bancos	23
da saúde	
ressonância magnética	25
sala de espera um	26
sala de espera dois	27
sala de espera três	28
sala de espera quatro	29
sala de fisioterapia	30
das personagens	
menina	32
vizinha	33
as faxineiras do edifício	34
meu pai	35
amigos	36
bebês (poemeto <i>ready-made</i>)	37

da livraria	
espólio 40
becket 41
o crime 42
restos mortais 43
exílio 44
bunker 45
caverna 46

Espelhos 47

Espelho provisório 48
Meu pai, no ocaso 49
Hotel 50
14º andar 51
Um quadro de Hopper 52
Vôo negado 53
Retratos 54

Vestígios 55

A rotina da perda	
Terapia intensiva 59
Rito de passagem 60
Dever cumprido 61
Desvio 62
A dor de ver em dor 63
Assepsia 64
Similia similibus curentur 65
Solidões 66

Um corpo não mais	
Vestígios	68
A morte e a morte	69
Memória	70
Das mortes	71

Da alma em desalinho	
Saudade	73
Desamparo	74
Dia de Finados I	75
Dia de Finados II	76
Dúvida	77
Luto	78
Desobriga	79
Legado	80
Antecipação	81

Solilóquios 83

Palavra e mistério	85
O colecionador	86
Solilóquios	87
No jardim	88
Madrugada	89
O silêncio dos espelhos	90
Do amor e seus silêncios	91
Ausência	92
No sebo	93
No museu	94
Neogênese interior	95
Pergunta indecisa à minha mãe	96

Pecados	97
Inveja		
Da insaciável cobiça	100
Preguiça		
Adiamento	102
Luxúria		
Pensamentos luxuriosos	104
Gula		
Apetites	106
Avareza		
Miséria cultivada	108
Ira		
Dias de ira	110
Soberba		
Vanglória	112
Obras publicadas	115
Nota Editorial	119

DALILA TELES VERAS:

Ao Calor Da Descoberta

Diálogo com Floriano Martins

FM Começemos falando da ponte existente entre o nascimento em Funchal e a residência brasileira em São Paulo. De que maneira as variações nessa paisagem cultural – do insular ao continental – foram aguçando os sentidos da poeta?

DTV Ninguém cruza a linha do Equador impunemente. Atada à cinta, a carga atávica, heranças avós das quais dificilmente nos desvencilhamos. Ante a impossibilidade do retorno é preciso render-se e assimilar a cor circunstancial e, do sal recolhido na travessia, temperar esse novo viver. Para além do Bojador, a dualidade se faz presente, o sentido agudo de ser estrangeiro. Não são mais os mares que começam, mas terras que nunca se acabam. As raízes, veias abertas, passam a receber influências novas, convívios outros, determinando nova visão de mundo e, claro está, que isso irá refletir lá adiante nos sentidos da poeta.

FM O convívio com duas tradições líricas sensivelmente distintas, como o são a portuguesa e a brasileira, imagino também deve ter sido um aspecto bastante enriquecedor em tua formação. Paralelo ao enriquecimento como convivias com a percepção do abismo que separa ambas as tradições?

DTV No Brasil, aportada ainda menina e tendo aqui completado minha escolaridade, talvez a primeira percepção tenha sido a de que, em tese, a língua era (quase) a mesma, mas a práxis cultural não.

Cresci ouvindo minha bisavó materna recitando Bocage e Camões, e minha mãe valendo-se das trovas populares para celebrar todas as ocasiões. Bebi de todas as tradições, portuguesas e brasileiras, desde o lírico Augusto Gil e sua *balada da neve*, que aos 9, 10 anos, declamava com paixão nas festas escolares no Funchal e, já no Brasil, os românticos brasileiros, como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Castro Alves, que li com devoção na adolescência. Os portugueses modernos descobri por minha conta e

risco, já em terras brasileiras. Pessoa em primeiro, um mergulho do qual necessitei muito tempo para emergir e, enfim, poder nadar por outras águas.

Na minha memória de leituras não há uma percepção desse possível abismo entre as duas literaturas, antes, uma fusão, como foi a vida, amalgamada pelo sincretismo cultural. Isso se refletiu, inclusive, num aspecto conceitual no que concerne à minha “nacionalidade literária”. Quando da minha opção pela palavra como ofício, enfrentei outro dilema: não era possível ser uma escritora portuguesa escrevendo como brasileira. Apazigüei-me, considerando-me uma escritora brasileira que nasceu em Portugal. A língua como a pátria possível.

FM No diálogo com essas duas tradições, há algumas particularidades que tenham alcançado uma mais alta voltagem em termos de afinidades estéticas? Não me refiro exatamente a autores, mas sim a aspectos de linguagem. E também quero que te sintas livre para aqui mencionar outros focos apaixonantes e mesmo influentes, não somente em termos de ambientação Brasil-Portugal e menos ainda exclusivamente literários.

DTV Em termos de afinidades estéticas, a pintura talvez tenha sido a que primeiro se estabeleceu, como até hoje tem sido. Ao tempo que lia os românticos, encantava-me com os impressionistas. Queria, àquela época, atingir uma escrita diáfana, uma realidade “borrada” como nos jardins de Monet, mas a tentativa poética não passou de um “borrão” mesmo. A minha poesia muito tem dialogado com a pintura, em especial com a de Constança Lucas, Hugo Gallet, Ricardo Amadasi, André Miranda, Mariano do Amaral Neto, Sian, Perkins T. Moreira, pintores/escultores, meus contemporâneos, que admiro e com os quais já realizei trabalhos conjuntos.

Quando de minha tomada de consciência estética, vi-me diante do impasse em que se meteu toda a poesia depois dos anos 50 no Brasil: filiar-me a grupos com (ainda) severas imposições canônicas, nas quais a poesia deve cumprir um papel formal exacerbado, os chamados poetas-críticos, o que, absolutamente, nunca foi minha vocação, ou buscar uma voz que encontrasse o equilíbrio entre a pesquisa formal e a emoção como sua dimensão humana.

Todas as escolas fizeram de mim uma poeta sem escola nem geração, mesmo porque penso que a segunda metade do século XX não formou gerações literárias, mas vozes, em muitos casos, dissonantes, que retiraram da tradição, do modernismo e das vanguardas apenas

aquilo que mais lhes interessou.

Acredito, entretanto, que essa aparente insubordinação de não pertencer a “escolas” não exclui o fato de se estar ligada, em termos de linguagem, a uma determinada “corrente literária” que, a meu ver, estaria representada por uma certa marca ou parentesco planetário.

Nestes 25 anos de exercício poético, sem deixar de experimentar outras possibilidades de dicção e linguagem, venho perseguindo o caminho da concisão, a busca da densidade de significados em versos cada vez mais econômicos.

FM Transcendência singular e evocações de intenso caráter de consagração convivem, em tua poesia, com uma leitura cosmopolita de aspectos memoriais e visão crítica. Há um interlocutor almejado por um plano estético? Com quem buscas dialogar?

DTV Desde os meus 11 anos de idade que vivo em uma metrópole. Sou, portanto, um ser urbano, com pouca possibilidade de refletir a natureza que não tenha sido transformada pelo homem. Tento, de dentro do olho desse furacão, refletir essa realidade complexa que é a da cidade moderna e as minúcias do seu cotidiano, onde velocidades incompatíveis com a natureza humana não mais permitem o direito ao silêncio, ao ócio ou à própria reflexão. Não tenho propriamente uma intenção em transcender essa realidade, mas transformá-la em outra realidade, espelho do espelho, o que não exclui uma dose memorial, recriada, já que não há verdade nas memórias, ainda que também acredite que o esquecimento pode ser repositário delas, caixa de Pandora, à espera que alguém a destampe.

FM Estatísticas irrefutáveis alertam para um quadro perigosamente agravado ao longo do tempo, que é o índice de leitura *per capita* do brasileiro. Evidente que não se pode esquecer que aí também se revela uma condição intelectual do país, ou seja, também nossos intelectuais lêem abaixo do sustentável. Entenda-se, ao menos teoricamente, por condição intelectual aquela que abriga tanto o universo literário (autores e críticos, por exemplo), como clero, imprensa, academia e casta política. O resultado dessa cadeia viciosa é uma espiral cuja expansão se dá sempre em sentido degenerativo. Como se pode romper com isto?

DTV A escola precisa voltar a priorizar a leitura e estimular a pesquisa e o pensar, única maneira de formar cidadãos que possam

fazer escolhas. O ensino optou por “instrumentalizar” o cidadão para o mercado, deixando de lado a cultura humanística, única capaz de transformar, de preparar cidadãos para o discernimento. Como disse Edgar Morin, “o conhecimento racional, empírico e técnico deve conviver com o simbólico, o mítico e o poético”. A pessoa que lê não re-produz, mas pensa e cria, toma decisões. Vive-se na era do simulacro e do fragmento, em que a lei do mais “fácil” impera. O conhecimento, que advém da leitura, requer esforço, dá trabalho. Será preciso uma verdadeira brigada pró-leitura, diante da concorrência e da facilidade enganosa que o advento da Internet incutiu nos mais jovens, a ponto de se achar que livro é coisa do passado, que a Internet é o melhor meio de “estudo” e que basta clicar no “Google” para encontrar, imprimir e entregar, prontinho, ao professor, qualquer pesquisa, sobre qualquer assunto, sem a necessidade de nem mesmo ler o que se imprimiu. A leitura não poderá ficar de fora dos grandes debates atuais. É uma questão irrenunciável que deverá obrigatoriamente se transformar em uma estratégia para uma revolução que deve passar pelo intelecto e pela vontade política.

FM Tua integração ao ambiente da produção cultural em São Paulo possui uma conotação talvez ainda não corretamente avaliada, desde as atividades em torno do grupo Livrespaço até a criação deste espaço nobre de produção e difusão literária que é a Livraria e Editora Alpharrabio. Qual a tua percepção deste caso incomum entre brasileiros, de alguém que é essencialmente escritor e se desdobra em uma aventura de abrir condições editoriais e de circulação para seus pares e gerações mais jovens?

DTV De fato, são poucos os que se dedicam à “disseminação” e ao debate da cultura e esses estão divididos em duas categorias: aqueles ligados à chamada cultura do espetáculo, que dependem de patrocínios e da lógica do mercado para circular. Além disso, e por isso mesmo, encontram facilidades com leis de incentivo, patrocínios, etc.; a segunda categoria, se é que se pode chamar assim, é a dos abnegados, que, por vocação pessoal ou por uma lei não identificada, dedicam-se às causas da cultura e da arte, quixotes urbanos, numa sociedade que pouco está se importando para o que não represente entretenimento, moda ou lazer. Sempre tive a convicção de que todo escritor deveria ir além do papel, ou seja, exercer também “outros papéis”, entre eles o da solidariedade entre seus pares e, sobretudo, a contribuição para a promoção da leitura. Essa foi uma das preocupações

do grupo Livrespaço, contribuir para a formação de leitores de todas as maneiras possíveis. Sou uma editora de circunstâncias. Jamais obtive qualquer resultado financeiro com aquilo que publiquei. Publico por um desejo que chamo de utopia da página impressa. Jamais fui movida a metas, como mandam as leis empresariais, mas a inquietações e, no caso da edição, publico aquilo que me seduz, que acredito tenha possibilidades de permanecer como literatura e também, em alguns casos, pelo prazer de ver um escritor em seu momento de nascimento para, depois, como já aconteceu, vê-lo trilhar caminhos que sejam reconhecidos.

FM O convívio com a prosa (crônicas, diário, crítica esparsa), de que maneira interfere em tua poesia?

DTV A transversalidade cultural, as identificações no lugar da identidade, talvez seja a marca do nosso tempo. O diário continua sendo uma prática, tentativa de aprisionar os dias. Dele e de todos os outros textos, por vezes me acontece identificar uma frase como verso e que acaba se transformando em cerne de um poema. Como também me acontece ao contrário, de um verso, construir uma crônica.

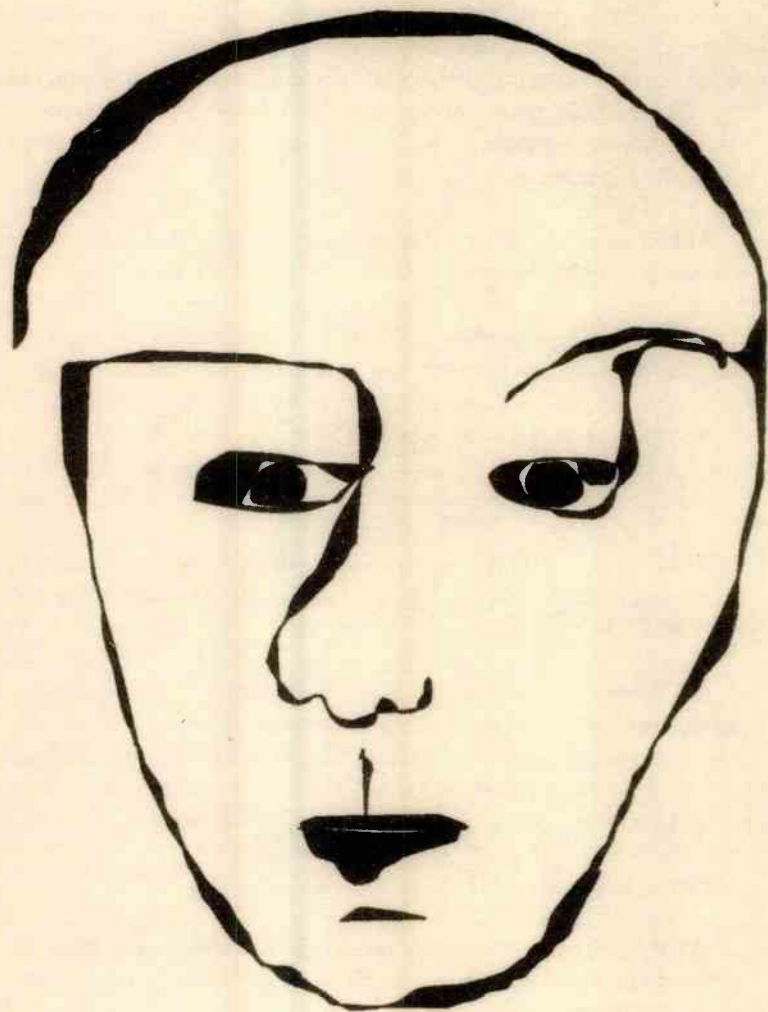
FM Dos livros todos reunidos em *À Janela dos Dias* até a presente edição, podemos falar em saltos, abismos, conseqüências ou alguma outra avaliação mais pertinente?

DTV Acredito que não haja nenhum salto, mas talvez a confirmação de certa “dicção” que ali já estava presente, assim como também uma retomada do poema em prosa, onde resvalo pelo discursivo, mas que, assim como em *A Palavraparte*, que é de 1996, impôs-se como condição da proposta temática, neste caso, os “retratos”.

FM Esquecemos algo?

DTV Sempre haveria algo a dizer, mas também o calar pode vir carregado de significados que poderão ser descobertos, assim espero, pelo leitor dos poemas.

[Fortaleza/Santo André, abril de 2008.]



retratos
falhados

urbanos

becos

quem tem caminho reto não se mete em vereda, aconselhava-me a mãe, o medo do sobressalto a escorrer do afeto, sem saber que as descobertas se revelam apenas no entrecruzar do caminho e a conquista à saída do labirinto

os becos e seus inocentes nomes de santos não atendem à demanda de mercado, insignificantes artérias esquecidas, deixam que a cidade cresça ao seu redor e ficam ali, pulsantes e vingados, tênues sopros de resistência e muda contestação, negação ao gigantismo, sedução para o não cumprimento do conselho

pontes

viaduto por cima de viaduto, pontes entre pontos, teia de concreto a conduzir progresso e abrigar misérias. idas e vindas, permutas e velocidade a esconder a escória. por cima o automóvel e o céu (*ouro a fulgir*), por baixo a cidade, o homem e o seu inferno (*cheiro de enxofre e urina*) tempo antevisto, passantes de rastros, vermes rejeitados, condenados ao chão da selva escura, na eterna dúvida em ser homem ou sombra, mas sem um só poeta como guia. da pinguela à passarela, da ponte ao viaduto, do propósito da passagem à condição de estar por baixo, o homem, excluído dos outros homens, o homem e seus próprios excrementos, o homem, via única de incomunicabilidade e danação

calçadas

caçambas, postes, lixeiras, degraus, buracos, correntes, camelôs, dejetos de cães e gatos: perigos a superar. passeio que não leva a nenhum passeio e interrompe-se em rampas para a rodagem de pneus. passeio que alguém um dia entendeu canteiro (ânsias de beleza?) e ali plantou palmeiras e arbustos miúdos, segunda natureza a impedir a passagem. a metrópole reservou ao homem a estreiteza das calçadas, tortuosas passagens, rejeição ao caminhar

trilhos

os trilhos agregadores convocavam com seu apito os cidadãos ao trabalho e ao descanso. isso foi antes, quando cidades eram formadas ao seu redor e os homens distinguiam-se do gado, viajavam sentados a contemplar a paisagem. não haviam aprendido o sentido da pressa. um dia, antevendo outros verdes, o trem desapareceu e a cidade foi entregue ao automóvel e à vertigem da velocidade. renderam-se todos, asfálticos, à voracidade dos lucros, fibras óticas, pedágios e multas – a vida vigiada e punida. descarrilam os tempos e as vontades. o bonde da história corre em outros trilhos

cinemas

cheiros de banhos recentes e passos de ritos antigos compõem a fila de expectativas. não se está ali simplesmente para passar o tempo, mas preenchê-lo com recheio além do trivial. uma certa irmandade circunda a espera, clima de ritual a cumprir, incluindo o café expresso. após o silêncio da sala escura, a necessidade do outro silêncio a rejeitar sentenças e exigir reflexão. as imagens, não mais nas pupilas, mas apalpadas na memória, mastigadas pelos dentes do prazer estético. depois de ver, revler

cafés

não se bebe café nos cafés. cocacola, sucodelaranja, esfihadequeijo, empadinhadepalmito, pasteldecarne, sanduichedemortadela: cardápio alheio e extenso contempla fomes apressadas e paladares pouco exigentes. muito açúcar, fraco ou frio, pouco sabe o café a café. em pé, o café dos cafés sabe a pressa e agonia, cafeína apenas para reforçar a vigília e acelerar o ritmo

bancos

a despeito de todas as precauções em depositar no lugar apropriado tudo aquilo que lhe pareceu suspeito (óculos, celular, chaves), o autoritário equipamento detector de metais dispara. a cidadã é barrada à entrada do recinto destinado aos deuses protetores dos juros e dos índices bovespa e dow jones. espoliada de sua dignidade, a humilhada ré descobre que um prosaico batom esquecido na bolsa fora o causador do suposto atentado. finalmente liberada, resta ainda enfrentar os olhares em fila, irados pela demora e que, ato contínuo, despem-se de seus pertences, rumo à esperança da própria liberação

da saúde

ressonância magnética

para Bandeira, em versão tecno

imobilidade, dor, insônia, mau-humor
ano após ano debruçada sobre livros, máquinas de escrever,
computadores
a palavra a substituir esteiras, bicicletas, alteres, caminhadas –
músculos abandonados
a vida que poderia ter sido e que de fato foi
dor, dor, dor

foi ao médico:

*pelas imagens adquiridas pela técnica de fast spin-echo, as
sequências em T1 e T2 nos planos sagital e axial com anestesia,
mostram que a sua coluna cervical apresenta:
Lordose Proliferação osteofitária marginal Degeneração dos discos
intervertebrais Abaulamento posterior dos Discos C3/C4 e C5/C6
com compressão sobre a face ventral do saco dural Redução dos
diâmetros do canal vertebral Hipertrofia capsular da articulação
acrômio-clavicular Tendinopatia do supraespinhoso Bursite*

.....

- então, doutor, é possível tentar um transplante?
- nem pensar
- mas, doutor, eu sequer tenho ouvido musical!

sala de espera um

a voz metálica da recepcionista recita nomes, sem variações na entonação. displicente, a bunda enorme da moça do banco da frente roça as coxas vizinhas. recolhidos do burburinho reinante, picantes segredos de alcova e detalhes de mazelas corporais. a proximidade física, a igualdade na espera e a dor compartilhada irmanam e justificam o despudor das intimidades reveladas. o espírito da ágora ali consumado, ainda que através de vicissitudes

sala de espera dois

na câmara de algarvias, crianças em febres choramingam, velhos de pernas e braços enferrujados resmungam, moços com males invisíveis fixam olhares no vazio. pouco a pouco, a pequena multidão vai se dissipando, distribuída por salas exíguas, onde médicos apressados rabiscam pedidos de exames, sem notar olhos que pedem olhos. receitas de pílulas e unguentos, apressadamente rabiscadas, substituem palavras de conforto. almas e corpos aflitos não encontram espaço para queixas. a leitura do laudo em detrimento da leitura do corpo. diagnóstico mecanizado. quando um médico, apenas um, deixa os exames de lado, toca e escuta o paciente, fica estabelecido o paradoxo. a multidão à espera protesta, já esquecida dos próprios dramas. a cidade tem pressa, pressa... a falta de saúde à espera da saúde, mais uma vez, disposta a esperar

sala de espera três

nove horas de domingo. ignorando as manobras, aposentados jogam truco à porta do estacionamento. metade da cidade ainda dorme. as pálpebras pintadas de azul da atendente tremem ligeiramente e não encontram o dossiê de internação (ninguém deveria adoecer em fim-de-semana, pensa o paciente, tentando manter a calma). a tv transmite a semifinal do campeonato mundial de vôlei, brasil x kasaquistão. no vídeo, a platéia verdeamarelo delira. o dia já a meio e o enfermeiro, sem qualquer sinal de nacionalismo, no seu branco suspeito, surge à porta da sala de cirurgia e, em alto e bom som, reclama que está sozinho e não dá conta do muito trabalho. a exemplo dos aposentados que jogam cartas do lado de fora, o doente, do lado de dentro, resignado, também entrega-se à sorte

sala de espera quatro

mãe recente, bebê ao colo, para a mãe em vias de:

- cresce cinco milímetros por dia, engorda trezentos gramas ao mês, emagrece depois de nascido, mas recupera o peso após o primeiro mês de vida. engordei quinze quilos. um horror! dura espera. dói, mas passa...

a vida-matemática, certa e fatalista

sala de fisioterapia

em voz alta, tricotam (duas laçadas, um ponto em falso, uma laçada, pula um)

maridos (morto há quatro anos, mas viúva há vinte e quatro. 20 anos sem relações. quartos separados. cheirava a pinga, mas era trabalhador e não me batia. aguentei. agora, liberdade. fazer o que quiser à hora que bem entender. só preciso melhorar das pernas para ir mais longe...)

casas, filhos (coitada! uma vida inteira costurando, sustentando filhos e marido, para acabar assim...)

compaixão (melhorou? não desanime...)

confissões (gosto daqui. além da cura para os ossos, há a cura do espírito, sessão de psicanálise)

camuflada, a doença da alma atravessa a manhã à busca de interlocutores. vidas amalgamadas no colorido das lãs

das personagens

menina

com sua caixa de papelão ordinário a menina atravessa o mar de velocidades, indiferente às buzinas e freadas. vez ou outra, mãos projetam-se para fora das janelas dos bólidos urbanos, retiram um doce da caixa, deixando em troca uma moeda. saltitante, a menina entrega o resultado do negócio à mulher adulta, de verde olhar esmaecido, que a espera do outro lado da rua. no seu descuidado tempo infantil, a menina dos verdes olhos verdes retorna alegremente ao alegreverde saltitar, cumprindo, sem o saber, o seu tristeverde fado

vizinha

chove. os pingos colam na poeira do vidro externo do elevador, formando um mapa imaginário da cidade entrevista, paisagem sobre a paisagem. a vizinha, o sol nos dentes, diz bom dia e a manhã e os verdes do jardim entram com ela no elevador e também dizem bom dia. ao contrário daqueles que são o contrário e apressam o passo para evitar dizer bom dia, diz bom dia e realmente se faz bom o dia. a vizinha sai para o trabalho, com o seu bom dia ensolarando o dia que amanheceu chuvoso

as faxineiras do edifício

surpreendentemente

(não obstante os dez mil, quatrocentos e trinta e um degraus, os oito mil, trezentos e vinte metros quadrados de piso, as quatrocentas e quinze vidraças e as três toneladas de lixo à espera de varrição, transporte e limpeza) cantam...

meu pai

da palavra escrita, tudo ignora. à semelhança de caeiro, acha que ler demais faz mal à saúde, em especial aos olhos. acredita apenas no que vê e vive, nas árvores, nos pássaros, na tv. elegeu algumas (poucas) verdades, imarcescíveis. também à maneira de caeiro, não acredita em metafísica (aliás, ignora solenemente o termo), mas vez ou outra, elege um menino jesus, que tanto pode ser o seu médico (compreende suas dores – sábio para todo o sempre) ou alguém que lhe diga apenas o que deseja ouvir. da memória auditiva de quase um século preservou frases imutáveis, válidas para todas as ocasiões (tantas vezes repetidas, até se tornarem verdades). não acredita em fantasmas muito menos que o homem chegou à lua. odeia políticos e política (o presidente é sempre o culpado por tudo). algumas (poucas) paixões: fotografar, conduzir seu automóvel, criar passarinhos, vangloriar-se de seus (ingênuos) feitos. não aceita que lhe falem da velhice (nenhum de seus poucos achaques, acredita, dela é decorrente). um homem frugal, de pensamento concreto (“o que nós vemos das cousas são as cousas”). o mundo se resume à sua ética particularista e particularíssima (o mundo – e o corpo – como vontade e determinação)

amigos

a apropriação de belezas insuspeitadas pela devor(ação) consumista rejeita o industrializado. surpreendentes tochas de sucata compõem, com o luar, formas surrealistas, inundando o gramado e a imaginação dos hóspedes. elegantes e silenciosas orquídeas florescem à sombra de cuidados e delicadezas, reafirmação de belezas ancestrais. o cuidador as desenha e lhes dá nomes, anotações para a memória do olhar, fixando de forma definitiva sua efêmera existência. uma harmonia cósmica reina nas róseas acácias que desenham os vivos floridos caminhos do esconderijo de adriemari. o sol encomendado a santa clara em troca da oferenda de vestidinhos de papel é acréscimo quase místico à celebração de amizade

bebês (poemeto *ready-made*)

grávida, no elevador do shopping:
fiz um exame de ultra-som, em 3D, para saber o sexo do meu
bebê. é menino, mas estou tão preocupada! acho que meu
cachorrinho ficará com muito ciúme. estava tão contente só
com ele, mas agora me apareceu esta gravidez...

da livraria

espólio

efigênia maria, era este o nome cuidadosamente manuscrito, à maneira de ex-libris, nas páginas inaugurais dos volumes encapados com papel de presente colado com fita adesiva (gesto de ciúme e posse). relicários, os livros guardavam: cartas, recortes, postais, versos copiados, fotos (olhares aprisionados). efigênia maria amava a literatura e seus autores e deles colheu autógrafos (vinicius, bandeira, lygia - os preferidos?), troféus que não couberam em sua exígua mortalha

becket

mulher, idade indefinida, vestida de trapos imundos, colares de pedras ordinárias, unhas enegrecidas pintadas de azul, postura de bailarina clássica e expressão de desdém, entra na livraria. desenvolta, retira um livro da prateleira e folheia-o demoradamente. uma certa arrogância no queixo erguido despreza os olhares curiosos. com delicadeza, deposita o livro em uma das mesas, vira-se, bate levemente no ombro de um dos frequentadores e sai sem dizer uma só palavra. becket teria gostado dela como personagem

o crime

apressado, o estudante entra na livraria e pergunta se há algum exemplar do romance o crime do padre amaro, do velho e genial escritor português eça de queiroz. solicita, a vendedora retira da prateleira um exemplar e o oferece ao rapaz. visivelmente impaciente, examina o livro, folheia algumas páginas e, com ar de enfado, dispara: tenho que apresentar um trabalho na escola sobre este livro amanhã e não dará tempo de ler este calhamaço todo. você não saberia me dizer qual foi o crime cometido por esse tal de padre amaro? por medo, cala-se a vendedora. testemunha de acusação?

restos mortais

ao telefone uma voz aflita: “você têm os restos mortais de fernando sabino?”. assustada, a vendedora fica sem saber o que dizer. segundos depois, já refeita e aliviada, percebeu que o pedido não se referia aos próprios restos mortais do escritor, mas a um livro de sua autoria, cujo título é justamente “os restos mortais”. na ânsia de ser breve e informal (rejeição a uma certa prolixidade da matriz?) o português tropical acaba por dizer o que não quer e nem sempre quer dizer o que diz. coisas da língua, última flor do lácio, inculta e áspera, apressada e surpreendente

exílio

senhora, idade indefinida, pergunta o que há em estoque de william folkner. antes que a resposta venha, aproxima-se um pouco mais da vendedora e, em tom confessional: - “estou pedindo asilo político. acabo de fugir da academia onde estava matriculada, por indicação médica, para recuperar massa muscular. o sedentarismo, provocado pelas muitas horas e dias sem fim, perdida entre leituras, causou-me flacidez e fraqueza muscular. o impacto do ambiente, com aquelas estranhas máquinas de tortura, me deprimia. as paredes espelhadas, enaltecendo egos, mas denunciando vergonhas daqueles poucos desfavorecidos pela idade ou pela natureza, fizeram-me sentir turista em terra estranha. a certa altura, pedi à “personal” que baixasse um pouco o som da música eletrônica, sob pena de perecer ali, antes do término da minha primeira aula, mas ela, gentil, se recusou, alegando que é norma da casa. música lenta e em baixo volume é proibida ali. dá sono, e tira o “pique” dos freqüentadores. já em minhas últimas reservas, um grito verdadeiramente primal, vindo de um rapaz a comemorar o levantamento de seus alteres de quatrocentos e cinquenta quilos, foi o golpe fatal. saí em desabalada corrida, o que prova que não estou assim tão fora de forma. agora, só preciso de livros e de um café curto, na veia.”

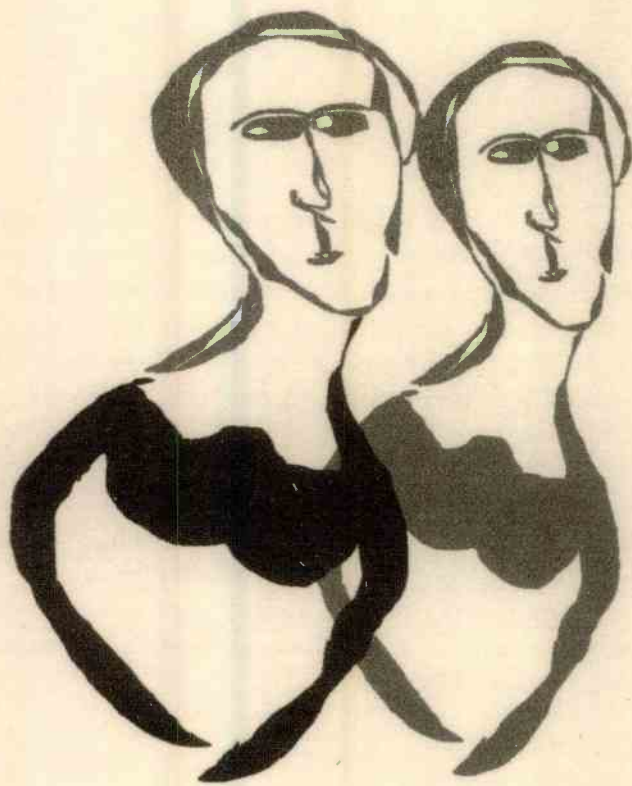
chopin, em pianíssimo, preenche os espaços deixados vazios pelos livros, enquanto a senhora, apaziguada com o universo, folheia o seu amado folkner e sorve o escuro, cálido e perfumado líquido

bunker

uma tarde na livraria: o fotógrafo olha incansavelmente a cidade pela ótica da solidão dos seres que a habitam e preenche com poesia os vazios carentes de humanidade. o poeta inexperiente ufana-se dos toscos versos na internet e, antes que a sua aldeia o conheça e o julgue, disponibiliza-os para todo o planeta (a palavra ao deus-dará no mundo virtual, sem um filtro possível para as mal traçadas linhas que por ali circulam). a musicista conta que vai ser mãe e já pode ouvir um dó de peito do seu bebê. a poeta, provisoriamente exilada, recupera a poesia e autoriza sua publicação. o ancião conta sua vida no seringal e a descoberta tardia da arte. a psicóloga assume seu despudorado lirismo. calados leitores, fingem não ver-ouvir o alarido das idéias e confissões do bando e empenham-se na caça aos velhos espíritos da humanidade, envoltos nos ácaros das prateleiras do esquecimento. café e cerveja inflamam o bunker. lá fora, a vida segue (quase) normal

caverna

um cliente de fortaleza pede, via remessa expressa, o livro trançado brasileiro (o sentido da arte é sempre duplo. urgência em destrançar esse trançado?). uma senhora da capital diz que vai ser hospitalizada e precisa de um livro de história do brasil, com urgência (trabalho em progresso que urge terminar diante da ameaça invisível da doença ou tentativa de compreender os sentidos do viver diante dos fatos?). uma vizinha da livraria pergunta sobre um livro de monet para o neto que precisa fazer um trabalho “para amanhã”. minutos depois, arfando, vem buscá-lo. a leitura como mera tarefa utilitária. neo-alices, assemelham-se todos, a correr atrás de um hipotético coelho, sempre com pressa, muita pressa... correremos o risco de retorno à caverna, acreditando na verdade das sombras entrevistas na velocidade cotidiana?



Espelhos

Espelho provisório

*São os espelhos que me revelam:
Sem eles eu talvez não soubesse de mim*
Cecília Meireles

Minha imagem nas vitrinas da cidade
(estrangeira, sempre)
ausculto:
os becos que dormitam
os cruzamentos infernais
os silêncios súbitos
a luta surda
a grita explícita
por um lugar à fresca
por um sonho de ribalta
pelo simples sobreviver

Anoto:
o que não está à frente
o que não brilha
o que não grita
o que não é outdoor
a camada abaixo da camada
o que não é mais
o que passa a ser
palimpsesto revelador

Serei eu essa imagem trêmula
nativa entre estrangeiros?
Será minha esta opaca imagem
que o lago turvo da falsa Praça
não permite distinguir?

Meu pai, no ocaso

Compulsivamente

fotografa

:

a flor

o jardim

o cão

a paisagem

a mobília

a casa

o carro

os filhos

os netos

ele mesmo

foto da foto

Aprisiona o olhar

(e admira-se)

ignorando a finitude

: frágil e derradeiro legado

Hotel

Refúgio cápsula silêncio
ar artificial
(qual a temperatura lá fora?)
casa não casa
simulacro

A rotina da não rotina
o ter o que não fazer
casulo

Vida provisória
beleza não escolhida
imaterial existência

O ócio, o ócio
a rotina do ócio

14° andar

Daqui
a cidade, antevista
sem língua alguma
que a possa nomear
(da janela
anti-pulo
anti-grito
anti-ar)
mero jogo de a(r)mar

Um quadro de Hopper

Sem os ruídos da paisagem
este seria um quarto
de um hotel qualquer
de uma cidade qualquer
de um país qualquer
do planeta

sem os sinais viventes da paisagem
este seria um quadro de hopper
não seria uma poema de dalila

Vôo negado

No caminho do calvário
(cidade que recusa o vôo)
o sacrifício antecipado

:

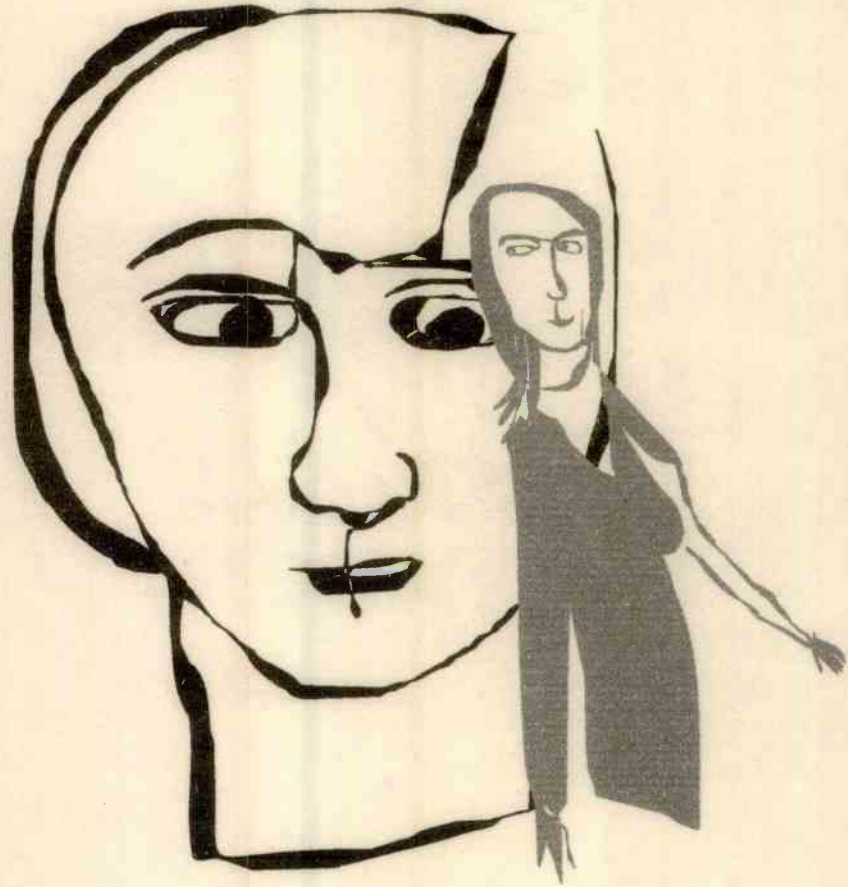
a pomba agonizante
úlceras em brasa
a contaminar o asfalto

Retratos

Serei eu
(naïf, pontilhada, acadêmica
desenhada, caricaturada)
alma roubada
aprisionada em
tão díspares celas?

sendo eu, já outra
sendo outras, ainda sou
serei eu?

Vestígijs



*à memória de minha mãe, Maria de Lourdes,
que me iniciou nos caminhos da poesia*

A rotina da perda

Terapia intensiva

A ceifeira ronda
à volta das máquinas
ao redor dos tubos
no ar infectado de dor
– sombra indesejável

A ciência brinca
experimenta, põe e tira
mórbido esconde-esconde
fingida presença de Deus

Um corpo respira
(a máquina opera o milagre)
um corpo não mais senhor
do gesto, do gosto, do querer
corpo, cobaia, objeto
à mercê do progresso

A ceifeira espera
e sabe da hora
A ciência não

Rito de passagem

Que sabemos nós
seres chorosos
à beira da morte
do outro?

Que sabemos nós
seres medrosos
à beira da vida
à beira de nós mesmos?

Que sabemos nós
da barca à espera
da passagem
do mistério?

– Nada

Por isso tememos

Dever cumprido

Brinca de eternidade
a jovem médica
Bagagem abarrotada
de ciência e tecnologia

Eletrodos ligados
incisões perfeitas
:
o dever manda
as mãos, firmes, obedecem
(ignora o calafrio
da morte pressentida)

Eis o prodígio
:
a vida devolvida
mecânica (e eterna?)

Desvio

O calor desafia o outono
flores abrem-se tontas
à luz enganosa de verão
– natureza violada

Minha mãe agoniza
(máquinas, balões, computadores,
tubos, luvas, gases, batas, relógios,
pomadas, seringas, fraldas, algodão
:
(ar)tificial saúde)
– desvio de percurso

A dor de ver em dor

*O rosto é o templo do corpo.
E quando o corpo decai,
a alma não tem outro santuário
a não ser o rosto*
Carlos Fuentes

No corpo enfermo
inerte
: olhos e dor
únicos sinais

Nos olhos baços
(instrumentos reveladores)
: o sofrimento
fundo
imensurável
solitário
inaudito

Movidos pela dor
os olhos fazem doer
em outros olhos
: dor apenas vista
(compartilhada?)

Dor que se comunica em dor
(a dor de ver em dor, dizem, é provisória
– mas como dói, diria o poeta)

Assepsia

*Tão triste que na própria morte
não haverá maior tristeza.*

Dante Alighieri

corredores hospitalares
: tristezas cruzadas
solitários soluços
(rotina incessante da perda)

corredores hospitalares
: olhos evitam olhos
apenas o silêncio cúmplice
(o ar cortado às fatias)

corredores hospitalares
: no branco asséptico
a cor turva do sofrer
(gélida paisagem)

Similia similibus curentur

Repleta de pena e lágrimas
(ungüentos inúteis)
venho, desconsolada,
consolar-te

Os semelhantes curam-se
pelos semelhantes
O sofrimento cessa
com outro sofrimento
(aposta desesperada)

Solidões

*Los hombres vivimos juntos,
pero cada uno se muere solo
y la muerte es la suprema soledad.*

Miguel de Unamuno

Dizias-me

:

– não quero,
mas qualquer dia
terei que partir

Intuías

:

a proximidade
a solidão da viagem
a dispensa de acompanhante

Temias

:

do parto, sabias
(contavas)
da morte, mistério
(calavas)

Parto e morte
(solidões assemelhadas)

:

origem, ambos

Um corpo não mais

Vestígios

Mas de tudo fica um pouco
Carlos Drummond de Andrade

nas trovas esparramadas
nas agendas telefônicas
nos bilhetes apressados
:
a tua caligrafia

na memória das gavetas
nas revistas por abrir
no lugar vazio à mesa
:
imaterial presença

no casaco com teu cheiro
no bombom abocanhado
no xampu pela metade
:
vestígios do que foi vida
irremediável ausência

A morte e a morte

A morte
não é a lembrança
de um corpo não mais
corpo
de uma trajetória sonâmbula
em direção ao sepulcro
do barulho seco e indiferente
da pá do pedreiro
finalizando a função

A morte
é a constatação
(real, insuportavelmente real)
:
um nome e duas datas
gravadas em metal
na lápide silenciosa

Memória

Em meu dedo
o teu dedal

(tento, mãe
costurar tua memória
prender-te ao que me resta)

Incertos pontos
que a vista embaçada
não deixa urdir

Das mortes

da primeira vez que te vi morrer
, a lembrança do horror:
teu corpo (ainda) morno e nu
na pedra fria
e
a marca da dor
num rosto que já não era o teu

da segunda vez que te vi morrer
, o torpor das exéquias:
pesadelo da tarde sem ar
sensação de estrangulamento

da terceira vez que te vi morrer
, o choque e o estranhamento:
teu nome citado no templo
na oração aos defuntos

da última vez que te vi morrer
, a dor fina e lancinante:
o descarte dos teus pertences
a certeza do nunca mais
nunca...
(a morte também em mim)

Da alma em
desalinho

Saudade

A saudade

vê-se

:

uma dor física

projetada

nas frestas do armário

no retalho de tecido

do que foi a tua saia

no pé seco de manjeriço

na jardineira esquecida

(ausência de tuas mãos)

A saudade

aprende-se

:

no gesto cotidiano

no diuturno sentir

da alma em desalinho

Desamparo

toda a saudade é uma espécie de velhice
Guimarães Rosa

aniversario
no aniversário de tua morte

(havia um clã
e o teu comando
– elo imperceptível
a reunir e orientar –
era conforto e presença
certeza de juventude)

órfã, envelheci

Dia de Finados I

O dia dois de novembro
era apenas um feriado
e sempre chovia
Todos estavam vivos
e jorravam primaveras
nas águas da primavera
(a juventude é imortal
imune a intempéries)

Neste dia dois de novembro
do ano dois mil e dois
(não chove – rito e tradição rompidos)
aprendo, pelo desespero da ausência
o significado dos sinos
e o imensurável peso do cinza
(a maturidade é consciência da finitude
susceptível a mudanças climáticas)

Dia de Finados II

ofereço-te uma rosa
(gostavas tanto delas...)
orações seculares
poemas enlutados
e este pranto incontido
à beira do teu jazigo

Inúteis heranças lusas
que não lavam dores
nem preenchem vazios

Dúvida

Hoje

(160 dias de saudade)

abraçei teu casaco e senti teu cheiro
(a velha sensação de chegada e abrigo
de âncora jogada ao fundo)

Seria o teu cheiro ou a lembrança dele?

Seria o teu cheiro ou o desejo de senti-lo?

(o pranto aponta: a barca ao deus dará)

Luto

Venho a Buenos Aires
(para esquecer-te?)

Desfaço as malas
ato-me em nós
percorro, aflita
ruas nostálgicas
melancólicos cafés
(para encontrar-me?)

Ninguém se aparta de si
(nem em terra alheia)
Ninguém é outro
(ainda que fale uma língua provisória)

Viajar em luto
é sentir-se (mais) estrangeira

Desobriga

Antes
muito antes
odisséia juvenil
ânsia de
pertencer ao mundo
sem DNA imposto
nem relatório obrigado

No retorno a Ítaca
cã e cansaço
um desejo apenas
– mãe, cheguei...

no silêncio insuportável
tua poltrona vazia
desobriga qualquer relato

Legado

Depois que te foste
vejo-me em ti
(gestos
gostos
passos)
Repasse genético
atavismo a cumprir-se

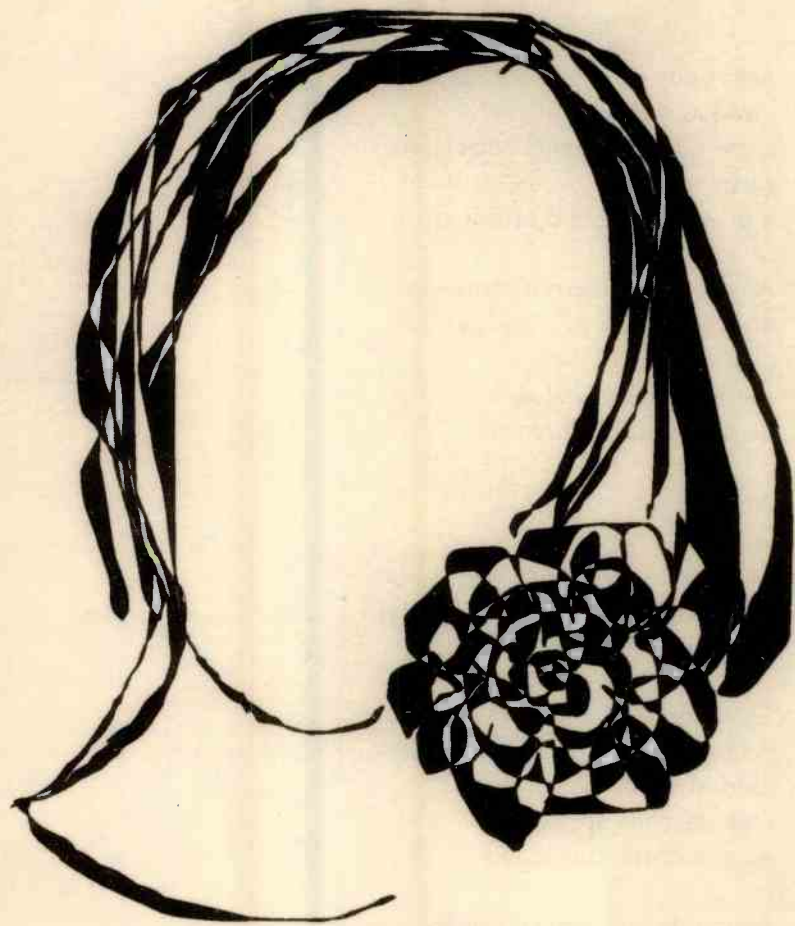
Antecipação

Antes que os ritos do advento
invoquem este natal
antes que as sementes dos jarros
germinem
e o verde adorne o presépio

Antes que o cheiro de amêndoas
e o encarnado dos tecidos
povoem
o mês de festa vindouro
de dolorosas lembranças

Antes que o vazio
apague
as chamas das velas
(descolorido jantar)
e cubra a festa de fumo

Cuidarei de arrancar este dezembro
do meu calendário pessoal
colocarei trancas nas portas
(casa fechada aos reis)
e anteciparei o entrudo
:
tempo de quaresma e paixão
(a Páscoa como perspectiva)



Solilóquios

Para Valdecirio, colecionador de silêncios

*Reconheçamos que costuma ser escassa nossa aptidão
para suportar o silêncio proposto
pelo poema – o silêncio gerado pelo real incógnito.*
Santiago Kovadloff

Palavra e mistério

Só uso a palavra para compor meus silêncios
Manoel de Barros

(

)

Além do mais
sabe-se
os mistérios residem
tão-somente
nas coisas inauditas

O colecionador

Cultivava silêncios
breves semibreves longos
(guardava-se?)

Solilóquios

De tanto ficar consigo
dispensou as palavras

Bastavam-lhe os gestos
(batuta invisível)
a orquestrar o silêncio

No jardim

Na densa tarde
de quietude mais
os amados silenciam

Suspeitam
da impossibilidade de um bis
(jamais alguém se banha na mesma luz)

Um pássaro descuidado
passa e canta
a dizer que viu

Madrugada

Brusco
um automóvel
freia, o silêncio
volta, o sono não

A noite outra noite

O silêncio dos espelhos

(lembrando Borges)

Nus e silêncios
coabitam meus espelhos

(mergulho
e
espanto)

abismos refletidos
nova e (irre)conhecida
história

Do amor e seus silêncios

No destempero e ardências
da fúria inaugural
a palavra sem proveito
(verbalização de corpos)

No rito já maturado
do caminho reconhecido
a muda comunhão
(frêmito de carne e espírito)

Urgências mitigadas
os silêncios primordiais
já agora interpretáveis
(epifania outonal)

Ausência

Nesta manhã
onde nem sequer
um grito
o silêncio deixado
por outro silêncio
é silêncio
ainda mais

O dia à frente
:
intransponível

No sebo

Baço e poeirento
o silêncio habita
as salas foscas por
onde passeiam traças com
seus olhos de gula e
desejos de posse
à caça do brilho oculto
da pepita encadernada

No campo sagrado, os pares
ignoram-se (cúmplices/rivais)
tácito acordo
cada um por si e ninguém
por ninguém

Enfim, o achado
(dissimulando a gagueira)
entre dentes, negociado

No museu

*O encordoamento da memória só pode ser retesado
onde haja silêncio*

George Steiner

Para ver
calar
(ocultos sentidos
a preencher sobressaltos)

Para ouvir
calar
(perturbadoras vozes
coladas às telas
- ruídos da memória)

Para guardar
calar
(outra beleza
ainda não catalogada)

Neogênese interior

O silêncio é. Ele significa
Eni Puccinelli Orlandi

No princípio era
o verbo indomável
idéias sem lei
(ilusão de saber
no não-saber)

Fez-se o silêncio
tardio, imperioso
única saída
(reverência
ecos primordiais)

E houve luz
e o universo se reorganizou
(*anima* em regozijo)

Pergunta indecisa à minha mãe

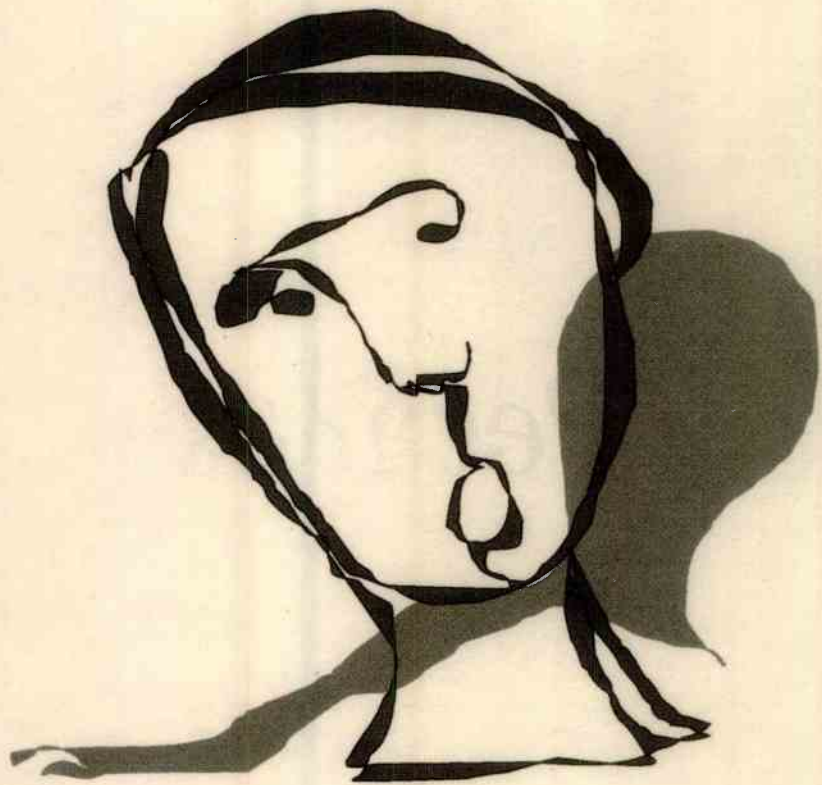
Haverá

,
para além deste
silêncio

,
para além desta
morada fria, ornada
de flores de plástico

,
...
?
Haverá?

Pecados



Inveja

Da insaciável cobiça

Gloriae et virtutis invidia est comes
provérbio latino

Cobiço
qualquer coisa
desde que te prive
desde que te despoje

Meus olhos na tua alegria
roubam-te o riso
saqueiam teu saber
e tudo que não tenho

Nem a mim serve
este desejo só desejo
basta-me que nada seja teu
(a felicidade apenas no alheio)

Prequiza

Adiamento

Ai, que preguiça...
Mário de Andrade

Outro dia
um melhor dia
(a lua mais intensa
os astros em conjunção)
para as novas vontades
para o enterro dos mortos
o encontro com o diabo

Tanta maçada...

Esperarei
um novo dia
(de maior gana
de muito querer)
a vida pode esperar

Luxúria

Pensamentos luxuriosos

Ver-te. Tocar-te. Que fulgor de máscaras.

Hilda Hilst

Pensava nele
quando a seda do vestido
tocou-lhe as coxas
erichando-lhe os pêlos
(asas a roçar o espírito
tocha a incendiar a carne)

Pensava nele

quando a voz de Maria Callas
alcançou a nota mais aguda
- L'atra notte in fondo al mare -
invocando Mefistofele
(setas fálicas a zumbir junto aos ouvidos
aromas de sândalo a embebedar os sentidos)

De tanto nele pensar
devorou a si própria
L u x u r i o s a m e n t e
(espírito só carne)

Gula

Apetites

*Dize-me o que comes e dir-te-ei
as manhas que tens”
Ramalho Ortigão*

Pantagruélicas porções
fios d’ovos e feijões
caviar e ovo frito

tudo serve

desde que o estômago encha

Avateza

Miséria cultivada

*Que é a avareza? Viver sempre
na pobreza pelo receio da pobreza*
São Bernardo

Fome com fome mitigada
fome a esperar outra fome
fome armazenada
fome como fonte
riqueza jamais saboreada

Ira

Dias de ira

Ira furor brevis est
Horácio

No furor mais insano
dos ardores intensos
a marca da traição
: revoltos sentidos

Nos braços da ira
a lava das palavras
tata impérios
: inesperada queimadura

(por fim)

Compaixão e unguentos
compressas frias
gestos de paz
: ardências já cinzas

Söberba

Vanglória

Après moi le déluge
Luis XV

O mundo incompleto
o planeta em desalinho
sem mim

Tanto fastio...
todo esse rebanho
(presa cativa)
pela sedução enlouquecido
debaixo dos meus coturnos

Olho no olho jamais...

Comigo
por artes do exotismo
a lenda se faz verdade
(mito alimentado a pão)



Obras Publicadas

Poesia

Lições de Tempo. SP: Pannartz, 1982 (2ª ed., 1983).

Inventário Precoce. SP: Pannartz, 1983.

Madeira: do Vinho à Saudade. Col. Cadernos Ilha. Funchal, Portugal: José António Gonçalves editor, 1989 (2ª ed., facsimile, SP: Alpharrabio Edições, 1997).

Elemento em Fúria. Teresina, PI: Academia Piauiense de Letras, 1989.

Forasteiros Registros Nordestinos (plaquete). SP: Livrespaço, 1991.

Poética das Circunstâncias (plaquete). SP: Alpharrabio Edições, 1996.

A Palavraparte. SP: Alpharrabio Edições, 1996.

À Janela dos Dias – poesia quase toda. SP: Alpharrabio Edições, 2002.

Vestígios, plaquete, edição fora do comércio, 200 exemplares numerados e rubricados pela autora. SP: Alpharrabio Edições, 2003;

Solilóquios, plaquete, 200 exemplares numerados e rubricados pela autora, Alpharrabio Edições, 2005

Poesia do Intervalo, poemas, com desenhos de Guedo Gallet, livro de arte, 200 exemplares, numerados e rubricados pelos autores. SP: Alpharrabio Edições, 2005.

Pecados, publicado por ocasião da comemoração dos 60 anos da autora, numa caixa artística, contendo 7 poemas, cada um deles ilustrados em pranchas individuais pelos artistas André Miranda, Constança Lucas, Guedo Gallet, Mariano Amaral Neto, Perkins T. Moreira, Ricardo Amadasi e Sian. 200 exemplares, fora do comércio, numerados e rubricados pela autora. SP: Alpharrabio Edições, 2006;

Prosa

A Vida Crônica (crônicas). SP: Alpharrabio Edições, 1999.

As Artes do Ofício - um olhar sobre o ABC (crônicas). SP: Alpharrabio Edições, 2000. (ambos são compostos de uma seleção de crônicas publicadas regularmente na imprensa entre os anos 1995 e 2000).

Minudências (diário). SP: Alpharrabio Edições, 2000.

Outros

“*Os Direitos Humanos nas esculturas de Ricardo Amadasi*”, Catálogo da Exposição realizada no Saguão do Teatro Municipal de Santo André, SP, 1999. Participação com 12 poemas que dialogam com as esculturas e condução de uma entrevista com o artista Ricardo Amadasi.

Alpharrabio 12 anos – uma história em curso, com Luzia Maninha Teles Veras. Obra sobre a trajetória dos primeiros 12 anos da Livraria Alpharrabio, contendo 550 verbetes de atividades culturais nesse período, além de transcrição de palestras e workshops. SP: Alpharrabio Edições, 2004.

Releituras, CD homenagem de amigos por ocasião do recebimento do título de Cidadã Honorária de Santo André, 2004. Canções sobre poemas da autora, gravadas pelos compositores Wagner Calmon, Pierina Ballarini, Nilce Libera Casella e leitura de poemas pelo ator Milton Andrade.

Anotações de Leituras (mini-livro de textos curtos sobre livros e literatura), fora do comércio, 300 exemplares, comemorativo ao 14º aniversário da Alpharrabio Livraria, 2006.

Participação em coletâneas (as principais)

No Brasil

- Coletânea Livrespaço II*. SP: Ed. Livrespaço, 1984.
- Literatuando* - Coletânea Livrespaço III. SP: Ed. Livrespaço, 1985.
- Subvertida Palavra* - Coletânea Livrespaço IV. SP: Ed. Livrespaço, 1998.
- Sete Versus Sete* (E se resolvermos falar de amor...) - Coletânea Livrespaço V. SP: Ed. Livrespaço, 1990.
- Antologia da Nova Poesia Brasileira*. Organização Olga Savary. RJ: Editora Hipocampo / Fundação Rio / Rioarte, 1992.
- Nosso Século XXI* – Especialistas de diferentes atividades analisam o Grande ABC de ontem, de hoje e de amanhã. SP: Ed. Livre Mercado, 2001.
- Poetas Revisitam Pessoa*, organização João Alves das Neves, SP: Universitária Editora, para o Centro de Estudos Americanos Fernando Pessoa. 2003;
- Paixão Por São Paulo*, organizada por Luiz Carlos Guedes. SP: Editora Terceiro Nome, 2004.
- Relicário Latino*, organizado por José Alberto Pinho Neves, reunindo a produção poética feminina da Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai - Rede Mercocidades – Unidade Temática de Cultura, Juiz de Fora, MG: Funalfa Edições, 2004.

No exterior

- 15 Poetas Brasileños Contemporaneos*, Edição Grupo Literário Guadiana. Ciudad Real, Espanha, 1987 (org. e trad. Oswaldo Ventura de la Fuente).
- O Natal na Voz dos Poetas Madeirenses*. Associação de Escritores da Madeira e Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração, Portugal, 1989.
- “Diez Poetas Brasileños”, *Revista Bohemia*, Havana, Cuba, março de 1990 (trad. Felix Contreras).
- Poet'Art 90* - Antologia de Poetas Madeirenses. Associação

- de Escritores da Madeira e Imprensa Regional da Madeira, Portugal, agosto de 1990.
- Verso L'Universo: Geometria Della Donna*. Perugia, Itália, 1993 (organização e tradução Vera Lucia de Oliveira).
- Brasil 2000 - Antologia de poesia contemporânea brasileira*. Portugal, Ed. Alma Azul, com apoio do Ministério da Cultura e Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, 2000 (organização Álvaro Alves de Faria).
- A Jeito de Homenagem a Eugénio de Andrade*, organização Joaquim de Montezuma de Carvalho, apresentação Arnaldo Saraiva, Fólio Edições – O Primeiro de Janeiro das Artes das Letras, Porto, Portugal, 2004.

Verbetes

- Dicionário de Poetas Contemporâneos*, Francisco Igreja (org.). RJ: Oficina Letras & Artes, 1988 (2ª ed., RJ: Oficina Cadernos de Poesia, 1991).
- Ensaístas Brasileiras - Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*, Heloísa Buarque de Holanda e Lúcia Nascimento Araújo (org.). RJ: Ed. Rocco, 1993.
- Dicionário de Mulheres*, Hilda Agnes Hübner Flores. RS: Ed. Nova Dimensão, 1999.
- Enciclopédia de Literatura Brasileira*, Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa. 2ª ed. sob coord. de Graça Coutinho e Rita Moutinho. SP/RJ: Global Editora, Ministério da Cultura e Fundação Biblioteca Nacional, 2001.
- Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, Nelly Novaes Coelho. SP: Editora Escrituras, 2002.
- História da Literatura em Santo André - um ensaio através do tempo*, Tarso M. de Melo. Fundo de Cultura do Município de Santo André, SP, 2000.

Nota Editorial

Todos os textos deste volume são posteriores *À janela dos dias*, livro publicado em 2002 que reúne os títulos anteriores da autora, na área de poesia.

Retratos falhados reúne três plaquetes (*Vestígios*, 2003; *Solilóquios*, 2005; e *Pecados*, 2006) publicadas pela Alpharrabio Edições (Santo André, SP), todas fora do comércio e em pequenas tiragens de 200 exemplares cada, hoje totalmente esgotadas. A elas junta-se um conjunto inédito de poemas em prosa, que dá título ao livro, e uma seleção de poemas, publicados esparsamente em jornais e revistas, denominada Espelhos.

Na escolha dos poemas, a autora teve a preocupação de estabelecer um conjunto de textos que, mesmo escritos em momentos diferentes, com eventuais dissonâncias, pudessem travar um diálogo entre si, formando uma peça que represente boa parte da sua produção poética nos últimos seis anos.

Retratos falhados traz desenhos da artista portuguesa Constança Lucas (Coimbra, 1960), há várias décadas residente no Brasil, em São Paulo, onde desenvolve o seu trabalho como artista visual.



Impresso em outubro de 2008, em papel pólen 80g/m²
nas oficinas da Bartira Gráfica.
Composto em Gill Sans, corpo 11 pt.

Não encontrado este título nas livrarias,
solicite-o diretamente à editora.

Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda.
Rua Maestro Callia, 123 - Vila Mariana - 04012-100 São Paulo, SP
Telefax: (11) 5904-4499 - www.escrituras.com.br
escrituras@escrituras.com.br
vendas@escrituras.com.br
arte@escrituras.com.br